

SALVADOR E A INCORPORAÇÃO DO COTIDIANO: UM DIÁLOGO ENTRE ESPAÇO E CORPO

Camila Xavier Nunes¹
Maria Auxiliadora da Silva²

Resumo: *A incorporação, ou seja, o processo de apropriação do espaço por meio do corpo é o que orienta este trabalho, que tem como objetivo demonstrar a importância da escala do corpo e dessa relação intrínseca que o homem estabelece com o espaço que o cerca. Na cidade do Salvador, a rua é espaço de vivência e também de sobrevivência, ultrapassando a função de apenas meio de circulação, e o corpo mostra-se muito presente no cotidiano da cidade, tornando-se um referencial para a mesma. Todavia, o processo de reestruturação que permeia a atualidade da cidade, faz com que essa escala seja comprometida, tendo o corpo que lutar contra o tempo e o espaço.*

Palavras-chave: Cotidiano; Espaço; Corpo

INTRODUÇÃO

A relação do indivíduo com o espaço por meio da linguagem do corpo representa cada sociedade específica em diferentes momentos. O corpo é um campo expressivo, é a origem de todos os outros campos, o espaço corporal é carregado de valores, significações, é o que possibilita o acesso ao mundo. A proposta parte de uma análise do processo de incorporação do cotidiano por meio da experiência do corpo, sendo que o principal objetivo é demonstrar que o mesmo aprende, ensina e acumula experiência, se relacionando ativamente com o espaço. Por meio do corpo os sentidos externalizam-se através de imagens, cheiros, sons, compondo um espaço cheio de singularidades.

Este trabalho procura investigar como se configura a espacialidade do corpo em Salvador³, tanto na construção de base teórico-conceitual quanto na pesquisa empírica por algumas ruas da cidade, com o intuito de acompanhar os diferentes percursos, trajetórias e espacialidades construídas. O que se propõe aqui é demonstrar a importância da escala do corpo no contexto da cidade e na pesquisa em Geografia, ou seja, a espacialidade do corpo como forma de resistência à homogeneização das relações sociais que compõem o espaço.

A revisão bibliográfica mostra-se de extrema importância para a construção de um referencial teórico conceitual, assim como, a investigação documental também tem como objetivo orientar a pesquisa no seu caráter empírico; as práticas de campo constituem-se de visitas preliminares, com o intuito de observar, caminhar, dialogar com as pessoas, fotografar, isto é, explorar primeiramente de maneira livre as áreas de estudo para, posteriormente, esmiuçar os acontecimentos cotidianos. O exercício de reflexão, aqui, se estabelece tanto da pesquisa e consulta de obras que versam sobre o tema, quanto de andar pela cidade.

¹ Mestranda em Geografia UFBA – camilagauche@gmail.com.

² Professora Dra. do Departamento de Geografia e vice-coordenadora do curso de Pós-graduação em Geografia da UFBA – dorasilv@ufba.br.

³ Está diretamente vinculado à dissertação desenvolvida no mestrado em Geografia UFBA.

A INCORPORAÇÃO DO CONTIDIANO

“O homem por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa)” (DAOLIO, 1999, p.39).

A relação do indivíduo com o espaço por meio da linguagem do corpo representa uma relação intrínseca do homem com o espaço vivenciado; desse modo, a busca parte desse processo de incorporação do conhecimento nas práticas cotidianas, porque o corpo aprende e ensina. Por meio das espacialidades, das trajetórias escolhidas, dos ritmos diversos, o corpo acumula experiência e testa suas potencialidades, assim a coragem alimenta a ousadia do conhecimento e criatividade, o grande mistério da vida. As práticas cotidianas vão além das atividades rotineiras de todos os dias, todavia:

“A separação entre cotidiano/ arte virou nostalgia, pois, enquanto rotina, o cotidiano perdeu o lado criativo, a norma e o modelo invade todos os interstícios da vida eliminando aquilo que dá dimensão do sentido do mundo (CARLOS, 2004, p.63).

Assim sendo, mobilizar os sentidos do corpo na decifração da cidade, de suas ruas, é também abarcá-la por meio de imagens, sons, cheiros, formas, pois, o corpo, além de meio físico de acesso ao espaço, é circunspeto de sentidos, como afirma Carlos (2004, p.50): “É assim que os lugares vão ganhando sentido através das apropriações vividas e percebidas através do corpo e de todos os sentidos humanos”.

O corpo é um espaço expressivo e acordo como diz Merleau-Ponty (1999, p 205): “A espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser no corpo, maneira pela qual ele se realiza como corpo”. A forma dos espaços urbanos provém de vivências corporais específicas de cada povo; assim, essa espacialidade constituída não é homogênea, ao contrário, é muito singular, pois os lugares do espaço não são definidos por posições objetivas em relação à posição objetiva do corpo, mas sim, através de diferentes perspectivas e relações travadas, que diferem de lugar para lugar. Por isso há grande dificuldade em se traçar, objetivamente, como se dão as relações nessa escala.

Tratar de espaço e o corpo, ao invés de espaço e lugar, deve-se a uma escolha metodológica; quando discorremos sobre lugar está implícito que uma relação de identidade foi constituída, que houve um certo reconhecimento no espaço. O que se busca nessa pesquisa é a relação mais intrínseca do ser humano com o espaço, o processo de reconhecimento como parte constituinte do mesmo, como elemento modificador, não somente nas relações existentes, mas como o grande articulador dos elementos espaciais - quer em matéria ou em idéias - para posteriormente construir e usar os lugares.

O cotidiano por ir além do viés econômico, mostra-se como uma importante categoria de análise na tentativa de entender como se dá a apropriação e o uso do espaço, todavia, não é nada surpreendente constatar que a construção teórica apresenta-se com lacunas a serem preenchidas devido as incertezas que permeiam o cotidiano: “O estudo da vida cotidiana oferece um ponto de encontro para as ciências parcelares e alguma coisa a mais. Mostra o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade e na nossa época” (LEFEBVRE, 1991a, p.30).

ESCALA CORPORAL E O CORPO COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR DO ESPAÇO

O que está em jogo são duas maneiras diferentes de se ver o corpo: num caso, corpo que é simples meio e que é treinado para se transformar num instrumento de luta contra o tempo e contra o espaço. (...) Num outro, é o corpo reconciliado com o espaço e o tempo, e que não deseja vencê-los mas apenas usufruí-los (ALVES, 1989,p.42)

O corpo é a escala geográfica mais elementar, conhecer o ser humano não é expulsá-lo do universo, e sim situá-lo, como nos fala Morin (2002); contemos e estamos contidos no mesmo e, através do corpo (não como objeto e sim como um meio de comunicação) temos acesso ao mundo corpo. Com o avanço tecnológico, diversas outras maneiras de acesso surgiram com o objetivo auxiliar o homem a superar os limites do próprio corpo, do tempo e do espaço. A sociedade contemporânea impõe e se submete a essas novas tecnologias e equipamentos, a ponto de poderem ser consideradas, por muitos, como uma extensão do homem. Morin (2002) salienta que na vida cotidiana crenças, superstições, racionalidades, tecnologias, estão carregadas de mitologia. O uso dessas *próteses* para realização profissional e pessoal mostra-se imprescindível, não apenas pelo acesso à tecnologia em si, mas também pelo significado e os símbolos construídos a partir dessa relação.

A excessiva presença da tecnologia em seu dia-a-dia faz com que o indivíduo despenda muito menos esforço físico e, conseqüentemente, tem a sensibilidade do corpo tolhida por essa mediação artificializada. Porém, é especialmente, através do tato que nos deparamos diretamente com algo ou alguém que nos é estranho, e a tecnologia nos permite evitar esse risco; Sennett (1997) afirma que vivemos uma crise tátil em virtude da intermediação tecnológica que envolve a vida contemporânea; assim, a distância física (corporal) é vislumbrada como fator de segurança diante do “caos” urbano, e por isso ordem significa justamente a falta de contato. Diante desse contexto, conflitos dos mais diversos surgem, pois novos padrões tecnológicos estão ao alcance de poucos.

A aceleração dos fluxos da cidade acaba reestruturando-a de maneira expressiva, restringindo a acessibilidade aos serviços urbanos, principalmente no que se relaciona à escala do corpo; nota-se que a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica.

Mais do que saber que os corpos se expressam diferentemente porque representam culturas diferentes, é necessário entender quais os princípios, valores e normas que levam os corpos a se manifestar de determinada maneira. Enfim, é preciso compreender os símbolos culturais que estão representados no corpo (DAOLIO, 1994 p.40-41).

Avaliar de que maneira ocorre o acesso físico ao corpo, por meio do mesmo e os mecanismos de que controle, é, ao mesmo tempo, refletir sobre o papel que o corpo exerce no espaço. Em Salvador serão analisados, particularmente, trechos da Avenida Sete (centro da cidade) e da Avenida Beira-Mar (Ribeira). O que está em pauta é a importância da escala do corpo no contexto urbano e para a pesquisa em Geografia. Ao considerar a espacialidade do corpo uma decorrência da íntima relação homem com o espaço que se relaciona, Merleau-Ponty (1999, p. 205) ressalta “ (...) a espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser no corpo, a maneira como se realiza como corpo”.

Em Salvador, essa realização ocorre de maneira díspar, e apesar da forte presença da corporeidade em seu cotidiano, observa-se que a escala do corpo não é a que rege a atual reestruturação urbana. A aceleração dos fluxos da cidade acaba reestruturando-a de maneira

expressiva, restringindo a acessibilidade aos serviços urbanos principalmente, no que se relaciona à escala do corpo; a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica.

“Operar a existência por meio da corporeidade não se faz apenas por uma conduta individual, mas por uma relação de co-presença de identidade que tem como base aquelas qualidades do homem como elemento do espaço” (LIMA, 2003, p.150).

CONCLUSÃO

A observação das situações corriqueiras tem por objetivo investigar a materialidade constituída por meio do corpo, o mundo simbólico que se dá a partir dessa linguagem e do imaginário por meio dos espaços de representação, uma alusão à tríade lefevriana do espaço vivido, percebido e concebido. Andar, observar, caminhar, sentir o espaço conjuntamente com os pedestres, buscar o que fala cada corpo, acompanhar trajetos individuais e também coletivos para posteriormente cartografá-los e, assim, demonstrar como se configura a linguagem corporal em Soterópolis - através de imagens, depoimentos e práticas cotidianas - onde o corpo é elemento essencial, é que objetiva este trabalho.

O corpo foi gradativamente sendo impedido de usar e sentir o espaço; são necessários outros meios para se percorrer a cidade, porque somente o corpo já não basta. Entretanto, a grande maioria das pessoas utiliza a linguagem corporal com mais intensidade do que as palavras; são corpos que “falam” o dia inteiro e não se conseguem fazer ouvir. Harvey (1993) assegura que se existisse uma linguagem independente do tempo ou do espaço poder-se-ia abandonar as preocupações sociais e deter-se apenas nas linguagens espaço-tempo como meios de comunicação por direito próprio.

A unidade e a diversidade estão presentes na existência humana, uma está relacionada à outra, a dificuldade encontra-se em reconhecer a unidade do múltiplo e a multiplicidade do uno, especialmente quanto estamos tratando da relação tempo-espaço. O corpo é sensível e inteligível, subestimar a sensibilidade do corpo é negar o corpo do conhecimento, o lugar do possível na cidade que habita nossos sonhos e desejos, e adentrar por uma geografia poética que ultrapassa o sentido literal, transpondo o limite da vida, assim como esta ultrapassa os do conhecimento, trazendo uma outra maneira de perceber e usar o espaço. Libertar o corpo é necessário, é trazer novamente a escala do corpo à cidade e mais humanidade ao espaço.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. **O corpo e as palavras**. In: Bruhns, Heloísa T (org). Campinas: Papirus, 1989.
- CARLOS, Ana F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo, Contexto, 2004.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura ao corpo**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1999.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORIN. **O método 5. A humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.